



Sobre a ditadura do Hamas

(MEMRI Daily, 26.03)

Em 5 de março o jornalista Rashed Al-Qahtani publicou no portal saudita Elaph um artigo sobre a violência praticada pelo Hamas em Gaza (trechos):

“A população de Gaza tem se queixado da opressão e violência do Hamas desde que tomou o poder. Ela é caracterizada por sadismo e constitui uma humilhação e desonra para todos os palestinos e árabes, provocando cisões entre os palestinos e feridas que não podem ser curadas.

Os crimes, humilhações e degradações que estamos testemunhando parecem com as ações das milícias xiitas contra os sunitas do Irã, Iraque, Síria, Iêmen e Líbano...Após alguns vídeos terem vazado sobre pessoas punidas nas ruas, como espancamentos cruéis, tiros com metralhadoras especialmente nos pés e joelhos. Como isso pode ser feito como medidas de punição contra civis desarmados?

O medo da violência e opressão do Hamas começa a afetar os palestinos em Gaza até mais do que os bombardeios israelenses. Os civis de Gaza estão à mercê dos porretes e das balas dos carrascos do Hamas”.

(Nota da Redação: O comportamento do governo saudita diante da guerra do Hamas tem consistido em criticar Israel publicamente, mas abstendo-se de medidas concretas, enquanto autoriza, senão promove, a condenação do Hamas nas redes sociais e na sua mídia por parte de integrantes da sociedade civil, sendo que neste artigo o autor aproveitou a oportunidade para associar as crueldades do Hamas às que praticam os xiitas contra os sunitas, o que constitui igualmente um elemento da política saudita.

Vale notar que a opressão e violência continuada de palestinos por parte de palestinos, seja pelo Hamas ou pela Autoridade Palestina, não é divulgada pela mídia nos países ocidentais. Até o fim de março, por exemplo, não foram mostradas pelas agências de notícias, pelas televisões, as manifestações públicas em Gaza contra o Hamas, o que demandou muita coragem dos participantes, parecendo confirmar que “não há notícia se não se pode culpar os judeus”).

Egípcios torcem pelo lince

(Lior Ben Ari, Ynet News, 24.03)

Um lince do deserto foi recentemente capturado após morder vários soldados das Forças de Defesa de Israel perto da fronteira com o Egito



A mídia e as redes sociais egípcias e árabes passaram a ser inundadas por imagens, vídeos e artigos glorificando o animal. Fotos editadas apresentaram o lince com uma faixa do Hamas na testa ou pisando numa bandeira de Israel.

Diversas postagens compararam os feitos do animal ao guarda de fronteira egípcio Mohamed Salah, que matou três soldados das FDI em junho de 2023 e outras traziam dizeres como “Até nossos animais sabem que Israel é o inimigo”.

No dia 22.03 o jornal egípcio Al-Youm Al-Saba publicou todo um artigo intitulado “A história do lince egípcio do deserto, o predador que experimentou o sangue de soldados israelenses na fronteira”.

(N. da R.: Enquanto o gosto pelo sangue dos israelenses for apenas vicariamente desfrutado pelas mordidas de um lince, se o humor de alguns ou muitos egípcios servir para satisfazer a sua raiva dos israelenses e compensar sua frustração pela ausência de conflitos armados entre os dois países, não há muito para se preocupar.

Mas cabe lamentar profundamente que, desde o tratado de paz de 1979, os governos do Egito, suas lideranças intelectuais, religiosas e outras não foram capazes de superar preconceitos, ignorância, fanatismo e até simples falta de sensatez para ajudar Israel a transformar as relações entre os dois países, da atual “paz fria” numa benéfica cooperação bilateral e na aproximação entre os dois povos).

Feministas, mas desumanas

(Sonya Michel, Quillette, 11.03)

Violências sexuais foram cometidas contra mulheres e homens no ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023. Que isso esteja sendo negado pelas mulheres que atuam no meio acadêmico dedicado aos estudos de gênero e sexualidade é surpreendente, porque viola dois de seus princípios básicos: o apoio à autonomia sexual das mulheres e que se deve dar crédito às mulheres quando apresentam acusações de violência sexual.

Em vez disso, acadêmicas feministas não apenas rejeitaram as alegações das israelenses como têm apoiado o Hamas, apesar de toda a bagagem reacionária patriarcal do islã radical, dessa forma abandonando os seus próprios declarados valores.

Em 11.02, o Departamento de Gênero e Estudos Femininos da Universidade da Califórnia em Berkley patrocinou um seminário via internet intitulado “Solidariedade Feminista e Homossexual com a Palestina”, o texto de apresentação declarou:



“Algumas das mais importantes conquistas do feminismo incluem a insistência em acreditar nas mulheres que denunciam acusações de atentados sexuais e a conscientização do aumento da violência sexual durante conflitos militarizados. Não obstante, essas conquistas estão sendo voltadas contra as reais preocupações feministas na Palestina. Este seminário vai examinar como o sionismo instrumentalizou o feminismo para servir ao propósito genocida de Israel, que sustenta falsas acusações de ataques (sexuais) sistemáticos do Hamas, enquanto ignora abusos documentados sobre abusos israelenses”.

(N. da R.: Não é novidade que movimentos feministas e outros, supostamente representando minorias diversas, apoiam acriticamente o Hamas e outros movimentos terroristas, sem dar importância ao fato de que os islamistas reprimem violentamente todos os que desobedecem à interpretação literal de seus preceitos religiosos (sharia) nos países muçulmanos, mas até no seio de suas famílias residindo em países ocidentais. Mulheres, LGBTs, hereges e seguidores de outros credos são vítimas permanentes desses fanáticos que não distinguem religião de direitos civis e direitos humanos.

Essa irracionalidade é acobertada por um oportunismo político que consiste em promover uma aliança entre “minorias oprimidas” contra o sistema democrático vigente em países ocidentais, considerado “opressor”. Da mesma forma, esses países seriam opressores, colonialistas, em relação ao “sul global” e assim Israel é classificado como opressor colonial dos palestinos e os judeus como brancos opressores de minorias.

Embora essas “teorias críticas” venham sendo crescentemente contestadas, sobretudo fora do meio educacional, onde vicejam como uma transmutação de antigas correntes marxistas, a sua fixação obsessiva em Israel e nos judeus, ignorando verdadeiras injustiças e catástrofes contemporâneas inclusive próprio Oriente Médio, é que justifica a convicção de que o antissionismo não se distingue do antisemitismo).

A suspensão do cessar fogo em Gaza

- Depois que Israel começou a bombardear o Hamas no domingo (16.93), os mediadores árabes e os apoiadores dos terroristas protestam. Mas o que esperavam quando o Hamas se recusou a libertar reféns depois do fim do cessar-fogo? Nunca foi aceitável dar uma trégua ao Hamas enquanto não estivesse libertando reféns, nem deixar o Hamas se recuperar tranquilamente, com todos os incentivos para ganhar tempo. A força militar, embora não substitua as negociações, é a melhor alavancagem de Israel, sendo destinada a escalar, mas parar quando o Hamas ajustar-se à realidade. (Editorial, Wall Street Journal, 18.03).

- As negociações do cessar-fogo foram interrompidas porque o Hamas se recusou a libertar um número significativo de reféns a menos que Israel promettesse o fim



permanente da guerra – um compromisso que Israel não faria sem que o Hamas entregue o poder em Gaza. Se o Hamas não mostrar mais flexibilidade, Israel poderia capturar grandes extensões de território em Gaza. (Patrick Kingsley, N. Y. Times, 18.03).

- Sabemos que a paz é impossível enquanto o Hamas permanecer no poder em Gaza. Felizmente Washington agora também entendeu isso. Guerra não é um crime e nenhum outro conflito recente demonstrou o mesmo imperativo de erradicar uma ameaça à segurança contra um inimigo implacável. O Ocidente e Londres devem estar alertas sobre a campanha pró-Hamas reportando “horrores em Gaza” para um público ingênuo demais para entender que estão apoiando propaganda terrorista. Israel está conduzindo uma campanha justa e militarmente calibrada contra um inimigo que celebrou os ataques terroristas (islâmicos) de 7/7 (1952, Londres, 52 mortos e 770 feridos) e 9/11 (2001, EUA, quase 3 mil mortos). (Robert Clark, Telegraph, Reino Unido, 18.03).

(N. da R.: Neste episódio da interrupção do cessar-fogo, a mídia internacional está um pouco mais dividida sobre as “culpas” de Israel, talvez porque a sinistra realidade do Hamas seja agora um pouco mais conhecida do público. O tempo e o espaço na mídia dedicados a Israel em Gaza vem sendo compartilhados com matérias sobre os protestos de israelenses contra o seu governo e a necessidade de reportar também sobre os conflitos simultâneos – alguns bem mais dramáticos - na Ucrânia, Síria, República Democrática do Congo, Sudão e a repressão política na Turquia).